

DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ÀS TRAMAS DO SENTIDO: UMA INCURSÃO EM (CON) FORMAÇÕES E PRÁTICAS DISCURSIVAS COTIDIANAS

JANE QUINTILIANO GUIMARÃES SILVA, JULIANA ALVES ASSIS E
EVÂNGELA BATISTA RODRIGUES DE BARROS*

Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais – PUC Minas.

A

presente edição dos Cadernos CESPUC de Pesquisa traz a público um conjunto de trabalhos desenvolvidos no âmbito da Pós-graduação em Letras da PUC Minas, organizados em três dossiês temáticos que se apresentam como desdobramentos de pesquisas levadas a termo por discentes da área de concentração de Linguística e Língua Portuguesa.

O primeiro dossiê, organizado na forma de verbetes, toma como questão central a noção de representação social a partir da Teoria das Representações Sociais, considerada a possibilidade de sua articulação com abordagens linguístico-discursiva. Os trabalhos desse primeiro dossiê têm como eixo condutor o desvelamento do processo de significação do mundo, revelado pelo modo como os enunciadores utilizam determinados sistemas de referências para classificar pessoas e coisas,

para categorizar e interpretar, além de valorar, os acontecimentos e discursos do cotidiano, bem como suas relações interpessoais. O fato de as representações sociais se criarem e se difundirem na/pela linguagem justifica o produtivo diálogo que se pode construir entre o campo da Psicologia Social – em que se insere a Teoria das Representações Sociais – e o campo dos estudos linguístico-discursivos

Aristóteles definiu o ser humano como *zôon lógon échon*, expressão que, para o filósofo da educação Jorge Larrosa (2002, p.20) seria mais bem traduzida como “ser vivente dotado de palavras” do que como “animal dotado de razão”. Vivemos mediatizados pelo *logos*, o discurso, a palavra, ou seja, tornamo-nos sujeitos e sabemos quem somos por meio das palavras de que nos apropriamos, das palavras com que nos acercamos da realidade:

as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. [...] As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. (LARROSA, 2002, p.20-21)

Outra forma de reiterar essa condição humana encontra eco na afirmação de Bakhtin, para quem “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 2003, p.282). Explicita-se, assim, por meio dessa estreita relação entre mundo e língua(gem), que a ação de representação do mundo pela linguagem revela – ao mesmo tempo em que cria – forte consequência sobre a forma de constituição e de organização psíquica do sujeito enunciatador – ele representa a si e ao seu cenário sociodiscursivo por meio da linguagem.

As representações sociais vêm imbricadas de ideologia, torneadas pelo imaginário social em que se engendraram, desveladas pelas condutas de toda ordem evidenciadas pelo sujeito do discurso, tingidas pelas crenças e valores que medeiam o seu estar no mundo. Isso traz como efeito que nenhuma interação humana se dá num “vazio social”, portanto já vem marcada por fatores contextuais que delineiam o que é dito e como é dito.

Nossa sociedade é complexa e marcada pela rapidez, pela agitação, pela fugacidade das informações – o que num momento é notícia de alto impacto rapidamente se secundariza em face de outras notícias mais recentes, num turbilhão de dados e fatos que anestesia os

espectadores –, um dos fatores que leva, segundo Hall, a um declínio de velhas personalidades, tidas como unificadas, e a uma fragmentação (e conseqüente descentração) do sujeito moderno, que vivenciaria uma crise de identidade sem precedentes (cf. HALL, 2005). Nesse contexto, o que haveria de permanente – ou, pelo menos, de relativamente estável –, o bastante para permitir a realização de interações e trocas simbólicas entre os sujeitos?

A despeito dessas injunções, dessa sucessão caleidoscópica e desintegradora, porém, uma parte relevante da identidade dos sujeitos se mantém, ainda que periféricamente se possam notar mudanças. Isto se dá porque, no processo de constituição discursiva dos indivíduos, em espaços sociais, uma série de expedientes funcionará no sentido de fazer com que algumas coisas – valores, crenças – persistam.

Tentando entender o poder das ideias subjacente ao poder das palavras, dos discursos, Moscovici se interessou por buscar compreender de que modo e por que razão as pessoas compartilham conhecimentos, saberes, e como esse processo impacta na construção de sua realidade, o que implica também investigar as práticas discursivas em que tais saberes e conhecimentos emergem e circulam. Nesse aspecto – da radical filiação dos modos de dizer ao contexto sociocultural dos falantes, ou seja, ao seu modo de crer, de ver, de agir –, Moscovici nos remete à afirmação de Bakhtin de que todo ato de linguagem está imerso em ideologia, numa relação de mútua interferência.

Moscovici (2003) analisa então como se dão esses processos de representação por que passam os indivíduos, basicamente por meio de duas etapas: a **ancoragem**, ou assimilação de novos objetos recém-adquiridos por meio de sua nomeação, categorização ou associação a outros preexistentes, e a **objetivação**, em que se verifica um “amoldamento” de novas imagens, novos valores, a imagens ou valores já presentes no esquema conceitual dos falantes. Por outro lado, a detecção desses processos leva o estudioso da linguagem a dois movimentos aparentemente antagônicos – por um lado, buscar em cada discurso seu modo idiossincrático de se constituir (o paciente trabalho de análise das particularidades); por outro lado, a necessidade de generalizar, posto que as representações têm um caráter inequívoco de consistirem em liames que unem os grupos e produzem identidades coletivas.

As contribuições da Teoria das Representações Sociais têm-se mostrado particularmente relevantes aos estudos construídos no solo da linguística aplicada, sobretudo aqueles que se voltam para as práticas de ensino e aprendizagem. Compreendida com base em estudos como os de Moscovici (1961, 2003), Abric (1986), Py (2000 e 2004) e Jodelet (2001) e assumida em sua articulação possível e desejável com abordagens linguístico-discursivas, a noção de representação social tem oferecido pistas importantes para a compreensão de fatores que interferem nessas práticas, uma vez que se assume que as representações sociais condicionam fortemente os processos de ensino e de aprendizagem, quer no que respeita ao seu desenvolvimento, quer no que se refere à sua eficácia.

Esse conjunto de percepções acerca das representações sociais sustenta-se no pressuposto de que as representações sociais possuem sentido prático, na medida em que, além de orientar condutas, contribuem para criar a realidade à qual se referem. Assim, transitando nos discursos, emergem através das palavras, circulam em diferentes práticas, discursos e espaços institucionais, cristalizando-se em condutas e organizações materiais e espaciais (JODELET, 2001), o que leva, em termos analítico-operacionais, à adoção de abordagem teórico-metodológica transdisciplinar, que articule contribuições de vertentes interacionistas, discursivas, linguístico-textuais e da psicologia social, em um movimento que contemple as especificidades do discurso e de sua materialidade. (GROSSMANN; BOCH, 2006; MATENCIO, 2006; MATENCIO; RIBEIRO, 2009).

Como define Py (2000), elas funcionam como uma microteoria simples e econômica por meio da qual interpretamos um conjunto indefinido de fenômenos. Como tal, elas orientam as participações dos sujeitos nas atividades de interação e modelam sua identidade em relação ao grupo que integram.

Nesse sentido, os trabalhos que se inscrevem no “Dossiê Teoria das Representações Sociais” procuram desenvolver reflexões produtivas sobre os eixos fundantes dessa abordagem. Organizados sob a forma de verbetes, apresentam-se didaticamente dispostos tanto na parte em que se expõe um ponto fulcral da teoria quanto na segunda parte, em que, à guisa de aplicação e exemplificação, são discutidos textos de circulação corriqueira nas diversas esferas discursivas da vida moderna (propagandas, letras de músicas, panfletos, etc.).

Os verbetes são trazidos em ordem alfabética; essa organização, no entanto, não impede a construção de uma verdadeira interlocução entre todos os dez textos que compõem o Dossiê. Para falar de cada tópico, as autoras (Ana Cristina Santos Peixoto, Hejaine de Oliveira Fonseca, Ramony Maria S. R. Oliveira, Maria de Lourdes Guimarães de Carvalho, Mariléia de Souza, Karine Correia dos Santos de Oliveira, Maria Alzira Leite, Priscilla Chantal Duarte Silva, Liliane Souza do Amaral, Mariana Silva Alves, Janaína Zaidan Bicalho Fonseca, Renata Martins, Neusa de Araújo Fernandes e Sandra Ramos de Oliveira) foram atrás de suporte em diversas ciências afins à linguística – a sociologia, a antropologia, a filosofia da linguagem, entre outras – e trazem um olhar rico e abrangente, posto que multifacetado, sobre a constituição das Representações Sociais. Há, além disso, um caráter de socialização e divulgação mais amplas das categorias/conceitos elencados, o que parece justificar a inserção de exemplos, analisados pelas autoras ao longo desse dossiê.

Respalado por esse rico cenário teórico, o segundo Dossiê, intitulado “Formação e Ação Docente”, visa a discutir de que modo os discursos produzidos sobre / para os / pelos docentes, ao mesmo tempo, refletem sua visão e ação sobre o mundo e, simultaneamente, consolidam, nesse profissional, uma determinada forma de ser e de agir, realimentando representações, fortalecendo o imaginário coletivo pretendido, evitando a cisão em nome de uma necessária coesão social.

Em três dos textos integrantes desse Dossiê – “A produção de texto: um exercício de interseção entre tipo textual e gênero discursivo” (Ada Magaly Matias Brasileiro, Anita Maria Ferreira da Silva e Janaína Zaidan Bicalho Fonseca.), “Mecanismos enunciativos do guia PNLD 2010: sugestão ou prescrição?” (Andreia Godinho Moreira, Hermínia Maria Martins Lima Silveira e Ursula Bianca Ribeiro Herzog.) e “Representações e imagens nos discursos para o/do docente” (Maria Alzira Leite) –, as autoras discutem, à luz da parametrização curricular, dos discursos presentes nos textos oficiais para os docentes (Parâmetros Curriculares Nacionais, Guia do Programa Nacional do Livro Didático e Apresentação do Currículo Básico Comum, respectivamente), quais as imagens que se constroem do professor da educação básica e de que modo isso implica certas concepções, posturas e modos de agir profissional, certos posicionamentos no enfrentamento dos diversos desafios impostos pela precarização da profissão docente nas últimas décadas.

A discussão das implicações da abordagem sociodiscursiva de cunho bakthiniano e suas consequências metodológicas no ensino de produção textual do ponto de vista dos próprios docentes; as vozes enunciativas que se desvelam à análise das modalizações (lógicas, deônticas, apreciativas, pragmáticas) utilizadas no discurso presente no Guia PNLD, que orienta a escolha dos livros didáticos Brasil afora; a análise das modalizações presentes na apresentação dos CBCs numa carta cujo enunciador era a então Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais e a imagem institucionalizada do docente da escola pública em cotejo com a imagem que esse próprio sujeito tem de si – tudo isso compõe um instigante panorama retratado nos textos elencados acima.

Ainda no Dossiê “Formação e Ação Docente”, Ada Magaly M. Brasileiro e Renata Cristina Guimarães Martins lançam um breve olhar sobre a relevância da leitura para o ensino no ambiente da Educação a Distância (EAD); por fim, Izabel Diniz apresenta um instigante estudo da avaliação de resenhas no ambiente acadêmico como uma forma de ressignificar o ensino de um gênero textual, a resenha, por meio da análise das formas de correção, revisão e/ou negociação propostas pelo docente, bem como pela proposição de práticas mais informativas e interativas para o crescimento do aprendiz como produtor proficiente de textos acadêmicos.

No Dossiê Teoria Semiolinguística, ainda que o recorte seja outro, a dimensão psicossocial, o respaldo no contexto sociointeracional e a busca das condições que cercam o projeto discursivo são os aspectos norteadores da busca da significação de cada ato de linguagem. Após emolduramento teórico, os autores (Alex Mourão Terzi, Hejaine de Oliveira Fonseca e Ramony Maria S. R. Oliveira) passam a analisar criticamente três eventos de fala de uma mesma personagem / personalidade política de relevo e a buscar as nuances que fazem com que, naquele contexto específico, tais tenham sido as escolhas feitas, em detrimento de outras disponibilizadas pela língua. Também aqui, a análise do particular quer remeter ao mais amplo, àquilo que se pode generalizar em termos de análise de práticas discursivas contemporâ-

neas.

Quanto mais vêm à luz estudos sobre os discursos em suas diferentes esferas e conformações, mais se afigura um universo inexplorado à espera de incursões e discussões. Que a leitura deste número dos Cadernos CESPUC de Pesquisa possa despertar esse desejo de saber mais e mais!

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. SP: Martins, Fontes, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

GROSSMANN, Francis; BOCH, Françoise. As representações sociais das práticas de linguagem: como dar conta da complexidade do discurso? In: CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves; BOCH, Françoise (Org.). **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p.11-36.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão, In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**, Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, 19. RJ: ANPed. Jan./fev./mar./abr., 2002. p. 20-28.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles; RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. A dinâmica das e nas representações sociais: o que nos dizem os dados textuais? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 38 (3), p. 229-238, set.-dez. 2009.

MOSCOVICI, Serge. **La psychanalyse, son image et son public**, Paris: PUF, 1961.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PY, B. Représentations sociales et discours. Questions épistémologiques et méthodologiques. In: **Travaux neuchâtelois de linguistique**, 32. Neuchâtel: Université de Neuchâtel, 2000. p. 5-20.

PY, B. Pour une approche linguistique des représentations sociales.
In: **Langages**: Représentations métalinguistiques ordinaires et discours, 154, Larousse: Paris, 2004.